

## **Louise Artus-Perrelet e o ensino do desenho e jogos educacionais: a difusão das ideias da Escola Ativa no Brasil (1929-1931)<sup>1</sup>**

Marilene Oliveira Almeida

Universidade do Estado de Minas Gerais  
oliveiraalmeidamarilene@gmail.com

Regina Helena de Freitas Campos

Universidade Federal de Minas Gerais  
regihfc@terra.com.br

As tendências artísticas modernistas, iniciadas em fins do século XIX e início do século XX, questionavam princípios e modelos clássicos e propunham uma arte em consonância com sua época. Em busca do novo, numa atitude de ruptura, o Modernismo<sup>2</sup> ampliou e transgrediu o conceito de arte ao reconhecer o objeto-arte como uma realidade em si. Neste processo de mudanças, relacionaram-se as expressões da criança com a arte dos povos primitivos e reconheceram-se a livre expressão e o espontaneísmo nos modos de se conceber e de fazer arte. Consequentemente, essas tendências promoveram mudanças no próprio modo de ensinar e de aprender arte.

---

1. Este artigo foi apresentado em comunicação oral no IX Congresso de Pesquisa e Ensino de História da Educação em Minas Gerais - COPEHE, realizado na Universidade Federal de Uberlândia, nos dias 9, 10, 11 e 12 de maio de 2017, e publicado nos Anais do evento com o título: O Desenho e os Jogos na Educação por Louise Artus-Perrelet (1929-1931). O texto aqui apresentado foi revisado e apresenta modificações, parte dos resultados de pesquisa realizada durante o ano de 2017, que recebeu apoio do Programa de Iniciação Científica PIBIC/UEMG/FAPEMIG.

2. Segundo o site do Museu de Arte Contemporânea – MAC, da Universidade de São Paulo – USP, <<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo1/modernismo/index.htm>>, o termo Modernismo designa as correntes artísticas que rejeitaram a tradição clássica para manifestar uma sensibilidade ancorada nas modificações produzidas pela Revolução Industrial e no desenvolvimento do meio urbano. No Brasil, a afirmação do Modernismo será marcada, principalmente, pela Semana de Arte Moderna, em 1922.

Do Instituto Jean-Jacques Rousseau, em Genebra - considerado um dos mais importantes centros de estudos da criança e da educação na Europa no início do século XX, Minas Gerais recebeu, em 1929, uma comitiva de professores contratada pelo Governo mineiro para colaborar com a Reforma de Ensino Francisco Campos/Mário Casassanta. Entre outros professores, as presenças marcantes para o ensino de arte no período foram Louise Artus-Perrelet, de Genebra, para atuar por dois anos na Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte, e Jeanne Louise Milde, de Bruxelas, Bélgica, para atuar na Escola Normal Modelo, também em Belo Horizonte. As duas eram professoras de arte com experiência e formação artística. Depois de seu retorno para a Europa, as aulas de Desenho e Modelagem ministradas por Artus-Perrelet na Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte são assumidas por Jeanne Milde, que fixa moradia no Brasil por toda a vida (PEREIRA, 2006; PEREIRA 2008; ALMEIDA, 2017, BARBOSA, 2015).

Em consonância com as demais reformas educacionais que aconteciam no mesmo período em outros estados brasileiros, e que questionavam a pedagogia tradicional, a reforma de ensino mineira tivera como um de seus objetivos divulgar e implementar novas orientações educacionais inspiradas no movimento escolanovista, que no Brasil ficou conhecido como Escola Nova. Em Minas Gerais, as características da chamada Escola Nova eram bem específicas, o que nos atenta para o fato de que, em sua dimensionalidade, o movimento escolanovista não deve ser entendido como homogêneo em seus princípios; há que se considerar a diversidade e os contextos em que foram originados e também difundidos.

De acordo com as diretrizes da Reforma Francisco Campos, era necessário orientar e avaliar o sistema escolar mineiro que estava se expandindo, assistir a administração escolar e a gestão pedagógica,

difundindo-se os princípios da Escola Nova. Nesta perspectiva, a Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte iniciou suas atividades pedagógicas em março de 1929 com o objetivo de formar uma elite educacional de técnicos e assistentes de ensino para difundir os princípios da Escola Nova entre os professores mineiros (ASSIS e ANTUNES, 2014).

A contratação de estrangeiros para desenvolver projetos de formação dos professores mineiros que atuavam no ensino primário da época foi uma das estratégias da Reforma Francisco Campos. As contribuições da ciência psicológica e as teorias de Édouard Claparède ampararam a perspectiva de educação ativa desenvolvida no Instituto Jean-Jacques Rousseau, e, também, algumas das inovações pedagógicas desenvolvidas no Brasil no início do século XX.

De acordo com Assis e Antunes (2014, p. 22): “Nessa instituição, a psicologia tinha lugar central devido à ideia de que se pudesse contribuir para a resolução dos problemas da educação brasileira, promovendo o aumento significativo de produção de pesquisas, o intenso debate entre abordagens teóricas diversificadas e a construção de teorias psicológicas”. Ainda de acordo com as autoras, neste contexto as “teorias estrangeiras preocupadas com os processos de ensino e de aprendizagem vão entrar, sistematicamente, no Brasil”. Um dos enfoques da época foi ancorado no discurso pedagógico e psicológico que destacava a formação integral do indivíduo, concebido em todas as suas dimensões.

### **A educação estética e o movimento reformador mineiro**

A educação estética participou do movimento reformador das primeiras décadas do século XX no Brasil, sob premissas de diferentes vertentes da modernização educacional (TABORDA DE OLIVEIRA,

2012). Reflexões sobre “Educação Estética” influenciaram as ideias pedagógicas da modernidade e encontram eco nas obras do pensador genebrino Jean-Jacques Rousseau (1712–1778) e do filósofo alemão Friedrich Schiller (1759–1805), que a propunham como uma maneira de organizar a vida socialmente. Rousseau acreditava que seria necessário a educação voltar-se ao aperfeiçoamento dos órgãos dos sentidos, porque as primeiras necessidades das crianças seriam de ordem física. De acordo com Schiller (1995), no “Homem Estético” a sensibilidade e a liberdade estariam em plena harmonia, os sentidos, os impulsos sensíveis, seriam educados com as ideias da razão (NOBRE, 2016). Para ambos, as experiências artísticas cumpririam o papel de desenvolver o senso de moralidade e de liberdade, bem como a de aprimorar a sensibilidade das crianças. O termo “estética”, como noção de “ciência do belo”, foi usado pelo filósofo alemão Alexander Gottlieb Baumgarten (1714–1762) na obra *Æsthetica*. Desde a Antiguidade, o belo e a natureza da arte fomentaram reflexões de pensadores como Platão e Aristóteles. A partir do século XVIII, as reflexões do filósofo alemão Immanuel Kant (1724–1804) provocaram a “revolução copernicana” na filosofia teórica e filosofia prática, chegando ao domínio estético (SUZUKI, 1995). A estética tornou-se uma disciplina independente no campo da filosofia, que, segundo Silva (2008), abrange análises sobre: a poética da obra de arte, as origens da criação e da linguagem artística. Incluem-se, nesses estudos, a conceituação dos valores estéticos, as relações entre forma e conteúdo, a influência da técnica na expressão artística, bem como a função da arte na vida humana. Kant também afirmou a relevância da educação estética na infância para se formar uma sociedade ética e moral, em que os indivíduos pudessem ser, viver e atuar de forma livre, sensível e disciplinada. As ideias de Rousseau e Kant exerceram influência no pensamento estético de Schiller (NEIVA, 2013).

Pressupõe-se que na Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte, a educação estética, proposta pela educação da sensibilidade, da vivência da arte a partir dos sentidos, pela ação e pela experiência da aprendizagem em contato direto com o objeto estudado, foi também estabelecida como uma de suas estratégias de ação pedagógica, visto que a instituição recebeu professores atuantes no Instituto Jean-Jacques Rousseau, como Helena Antipoff, Leon Walther e Louise Artus-Perrelet. Uma das bases da concepção do Instituto Rousseau fundamentava-se nas propostas e orientações da educação funcional de Claparède e também nos princípios do *Bureau International des Écoles Nouvelles*<sup>3</sup>.

A perspectiva que envolveu a educação dos sentidos, explorada em processos de formação pessoal e coletivos, por meio de atividades perceptivas e expressivas, ancorada em saberes artísticos e científicos, bem como no contato com a natureza e valorização do trabalho manual, esteve presente no programa de ensino de arte desenvolvido na Fazenda do Rosário<sup>4</sup>, instituição criada em 1939, por iniciativa de Helena Antipoff e colaboradores, entre eles, pessoas das relações estabelecidas com a educadora e psicóloga russa, na Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte. Na instituição, localizada em região rural próxima a Belo Horizonte (hoje Ibirité), inicialmente criada para expandir o atendimento a crianças com deficiências, que não poderiam continuar os estudos em escolas regulares da capital, conciliavam-se os

---

3. Os trinta pontos da Educação Nova, compilados por Lourenço-Filho no livro *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, estabelecem os princípios norteadores da Organização Geral, Formação Intelectual e Formação Moral, defendidos pelo movimento.

4. Sobre a Fazenda do Rosário e Helena Antipoff, também contratada no Instituto Jean-Jacques Rousseau, pelo Governo mineiro em 1929, e cuja formação conciliava traços das experiências na Rússia, França e Suíça, amplos estudos estão representados pelas publicações de Regina Helena de Freitas Campos.

princípios da educação nova com forte empenho no desenvolvimento de trabalhos manuais e ensino de arte<sup>5</sup>, como o desenho e a cerâmica.

A difusão do método intuitivo, que “considerava que toda educação deveria fundar-se na ação, na experiência das coisas pelo estudante”, pela “experiência direta”, já se dera no Brasil desde o fim do século XIX e início do século XX, ideias difundidas desde as primeiras décadas de instauração da República em oposição ao ensino dito verbalista, tradicional (CAMPOS, 2010; 2012). A intenção era dar um caráter mais prático aos processos de ensino e aprendizagem, centrando-se na atividade do aluno em oposição ao ensino tradicional, centrado na transmissão do saber, e que se dava pela figura do professor.

A ideia básica do método intuitivo era tornar a criança como o centro de sua própria aprendizagem, pela observação e pelo contato direto com os objetos do conhecimento, educar pelos sentidos. O Instituto Jean-Jacques Rousseau teve importante papel na divulgação das ideias da Escola Ativa de Genebra no ensino mineiro, e uma das suas concepções de educação era o aprendizado pela ação direta com o objeto da aprendizagem, em uma interlocução com o educar pela intuição, pelos sentidos, pela vivência, que muito se aproxima das ideias difundidas pelo método intuitivo e das proposições de ensino de desenho e jogos difundidas por Artus-Perrelet, que pressupomos, carrega traços de uma “Educação Estética”.

---

5. Para maiores esclarecimentos sobre o ensino de arte na Fazenda do Rosário, ver ALMEIDA, M. O.. O ENSINO DE ARTE EM MINAS GERAIS (1940-1960): diálogos e colaborações entre a arte e a educação nova, 2013. 226 f. (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

## Louise Artus-Perrelet e a difusão de suas ideias no Brasil

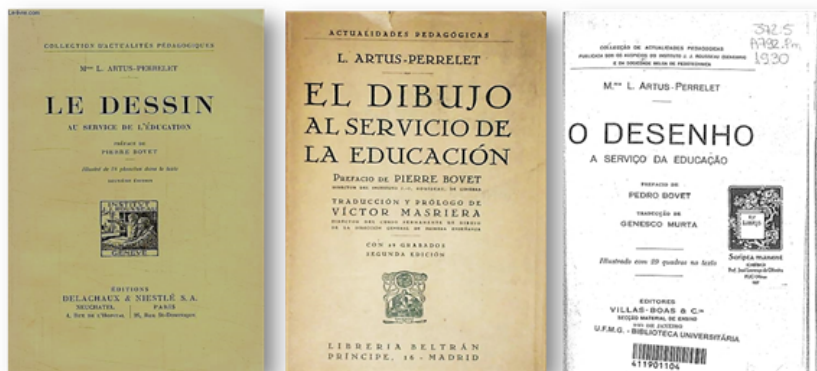
Louise Artus-Perrelet atuou no Instituto Jean-Jacques Rousseau em todas as linhas de ação que a instituição havia se proposto como meta desde sua fundação em 1912, colaborando com os trabalhos educacionais encarregados de formar professores. Atuou também em escolas para crianças criadas como centros experimentais, ligadas ao Instituto Rousseau, a *Maison de Grand (École Rodolphe Toepffer)*, que fechou em 1922, e a *Maison des Petits*, uma espécie de Escola-laboratório criada em 1913 com o objetivo de se estudar o pensamento da criança e novos métodos de ensino (BARBOSA, 2002). Nessa escola, a aprendizagem era orientada pela pedagogia funcionalista de Édouard Claparède, defensor da ideia de que a educação se daria pelo interesse da criança e pela ação, as intervenções pedagógicas seriam modeladas para adaptarem-se às necessidades educacionais dos pequenos. Na *Maison des Petits* foram iniciados e sistematizados por Piaget e seus colaboradores os primeiros estudos aprofundados sobre a lógica infantil (CAMPOS, 2010).

Sobre a formação artística de Artus-Perrelet, sabe-se que ela realizou estudos em pintura e desenho com o artista plástico suíço Barthélemy Menn (1815–1893, Genebra, Suíça), considerado um dos renovadores da pintura na Suíça. Barthélemy Menn foi professor de desenho e diretor da Escola de Belas Artes de Genebra, onde introduziu os princípios da arte modernista (*plein-air e do intime paysage*, de influência francesa), influenciou e formou gerações de pintores. Pintor e desenhista, Menn, por sua vez foi discípulo de Jean Auguste Dominique Ingres (1780, Montauban-1867, Paris, França), reconhecido artista do século XIX considerado precursor da arte moderna (MORAES, 2002).

Louise Artus-Perrelet, além de atuar como professora de Desenho e Modelagem na Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte

por dois anos, veio ao Brasil em 1929 com objetivo divulgar suas ideias sobre o ensino de arte. Periódicos de circulação na capital brasileira e mineira da época indicam que a artista e professora esteve, também, em outros estados brasileiros, como o Rio de Janeiro, divulgando seu trabalho, sistematizado no livro *O Desenho a serviço da educação*, traduzido no Brasil em 1930. Segundo fontes eletrônicas<sup>6</sup>, o livro teve três edições publicadas em francês, datadas de 1917, 1927 e 1930, e duas edições publicadas em espanhol entre 1921 e 1935. No site consultado não constam informações sobre a edição brasileira.

**Figura 1** - Livro de Louise Artus-Perrelet - francês (*Le Dessin au Service de l'Éducation*), espanhol (*El Dibujo al Servicio de la Educación*) e em português (*O Desenho a Serviço da Educação*).



**Fonte:** Acervo pessoal e imagem da Internet.

Para a elaboração deste estudo, fizemos o empréstimo e fotocópia de um exemplar da edição em português localizado na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Sobre a 1ª edição em francês, adquirimos um exemplar

6. Consultar endereço eletrônico <[http://www.worldcat.org/search?q=artus=-perrelet&qt-owc\\_search](http://www.worldcat.org/search?q=artus=-perrelet&qt-owc_search)>



datado de 1917 comprado por meio eletrônico em sebo francês, em maio de 2016. Sobre as edições espanholas, Moraes (2012) relata ter tido acesso a um exemplar do livro publicado em 1935, e a sua tradução em português, não publicada, realizada por Ana Maria Chabloz Scherer, filha do suíço Jean-Pierre Chabloz, artista que estudou com Artus-Perrelet em Genebra. Moraes (2012) considerou o fato de Ana Maria Chabloz Scherer ter enviado um exemplar da tradução da versão espanhola do livro de Artus-Perrelet ao diretor do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará- MAUC, Pedro Eymar Barbosa Costa, onde pode ter acesso aos documentos para sua pesquisa, ser indicativo da dimensão que os ensinamentos de Artus-Perrelet tiveram para a formação de seu pai.

O artista e professor de desenho, Jean-Pierre Chabloz divulgou a metodologia de Artus-Perrelet, quando viveu e trabalhou no Brasil, de 1940 a 1984. Aluno no Instituto Jean-Jacques Rousseau, entre os anos de 1931 a 1932, onde concluiu os cursos *Le Dessin au Service de l'Éducation e Philosophie du Dessin*, sob a supervisão de Artus-Perrelet, Jean-Pierre Chabloz estudou também, entre 1929 e 1933, na Escola de Belas-Artes de Genebra. Rumo à Amazônia, Terra da Fartura: Jean-Pierre Chabloz e os cartazes concebidos para o serviço especial de mobilização de trabalhadores para a Amazônia, de Ana Carolina Albuquerque de Moraes (2012) e A trajetória de Jean-Pierre Chabloz na constituição do meio artístico da Cidade de Fortaleza no âmbito das Artes Visuais, de Nertan Dias Silva Maia (2012), são pesquisas que discutem as influências de Artus-Perrelet disseminadas no cenário artístico-cultural do Ceará, desde 1943, pelo suíço Jean-Pierre Chabloz.

As publicações do jornal *Diário de Notícias*, de circulação no Rio de Janeiro, trazem um rol de reportagens relacionadas a cursos e conferências sobre jogos e desenho para professores do ensino primário ministrados por Artus-Perrelet no Distrito Federal. A maior parte

dos impressos consta na *Página de Educação*, espaço coordenado por Cecília Meireles, entre junho de 1930 e janeiro de 1933. Muitos desses registros podem nos ajudar a desenhar um percurso das ideias de Artus-Perrelet difundidas no Brasil. Algumas dessas publicações são endossadas por comentários de Cecília Meireles, divulgadora crítica das ideias escolanovistas. Das cerca de cem reportagens encontradas, a maior parte refere-se a transcrições de lições de ensino de desenho e jogos organizadas por Artus-Perrelet no livro *O desenho a serviço da educação*.

O *Diário de Notícias* foi um jornal carioca fundado em 12 de junho de 1930 e que saiu de circulação em fins de 1974. De acordo com Ferreira e Rocha (2011, p. 94), o periódico desempenhou papel relevante “como espaço para informar e formar a sociedade e, mais especificamente, os profissionais da educação”. Por consequência, o *Diário de Notícias*, principalmente a seção *Página de Educação*, teve importante papel na divulgação do projeto educacional da Escola Nova. Este periódico pode ser considerado um exemplo de imprensa engajada em defesa dos ideais educacionais da época, que abriu espaço para discussões sobre os movimentos educacionais vividos no Brasil no início de 1930 (FERREIRA, 2011).

Na intenção de conhecer a proposta de ensino de desenho e jogos educativos desenvolvidos por Artus-Perrelet, a pesquisa encontra-se em fase de análise dos artigos do periódico carioca citado, aos quais tivemos acesso a partir da plataforma *online* da Biblioteca Nacional, sessão Hemeroteca. Tal análise concentra-se em compreender a ação pedagógica de Artus-Perrelet na Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte em termos de educação estética, tentando relacioná-la com os registros publicados no periódico *Diário de Notícias*. As fases seguintes de nossas análises estarão concentradas

em publicações dos periódicos mineiros, a serem ainda localizadas na Hemeroteca Histórica da Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, em Belo Horizonte. Nossas primeiras análises revelam que o que Artus-Perrelet propunha em termos de educação dialoga com suas concepções descritas nos desenhos símbolos das instituições em que trabalhou na Suíça e no Brasil, são elas o Instituto Jean-Jacques Rousseau, em Genebra, e a Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Uma reportagem em especial, localizada na *Página de Educação*, a aponta como autora dos emblemas das instituições educacionais que se encarregaram de formar professores nas tendências modernas da pedagogia ativa, em que a criança aprende pelo interesse e pela ação.

**Figura 2** – Diário de Notícias, seção Página de Educação, p.7, 9 de jan. de 1931.



**Fonte:** Hemeroteca Digital Biblioteca Nacional.

No desenho do emblema do Instituto Rousseau, a criança representa o centro da ação pedagógica ao indicar ao adulto, o professor, seus interesses de conhecimento (CAMPOS, 2010). De acordo com

Prates (1989), o emblema da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte, usado em todos os seus documentos oficiais, foi criação de Artus-Perrelet, tendo sido o desenho original, e a explicação dada pela artista, guardados na biblioteca da instituição, perdidos em um incêndio em 1953.

Na reportagem do *Diário de Notícias*, com o título: O emblema da Escola de aperfeiçoamento, de Belo Horizonte - (De uma observadora pedagógica), na seção Página de Educação, detalha-se a representação do símbolo da Escola de Aperfeiçoamento de professores de Belo Horizonte, o tema central - a árvore e o horizonte, se destacam como símbolos do conhecimento e da cidade, sede da iniciativa do Governo mineiro em prol da formação de professores.

### **A sistematização pedagógica de Artus-Perrelet para o ensino do desenho e de jogos educativos**

Publicado em 1917, o livro de Artus-Perrelet, *O desenho a serviço da educação*, foi prefaciado pelo diretor do Instituto Jean-Jacques Rousseau, Pierre Bovet (1878-1965). Traduzido para o português por Gunesco Murta em 1930, a divulgação do livro no Brasil coincide com o período em que Artus-Perrelet atuou na Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte e com as palestras e cursos ministrados no Rio de Janeiro (MAIA, 2012; BARBOSA, 2002).

A partir da apreciação do prefácio de Bovet, pode-se ter um dimensionamento da credibilidade conquistada por Artus-Perrelet no Instituto Rousseau. O teórico a descreve como “verdadeira artista e admirável conhecedora da alma da criança” (BOVET, in ARTUS-PERRELET, 1930, p. 3), relacionando-a com as ideias pedagógicas de Pestalozzi, Herbart, Froebel, Montessori, Audemars e Lafendel (diretoras da Maison des Petits), além da francesa Marie Pape-

Carpentier, considerada precursora das escolas maternais francesas no século XIX.

As análises preliminares que empreendemos sobre a proposta de ensino de Artus-Perrelet, sistematizada no livro *O desenho a serviço da educação*, indicam que a professora trabalhava elementos da linguagem visual, procurando estabelecer relação com a percepção subjetiva do aluno. De certo modo, sua proposta abre espaço para a expressão criativa das crianças, tornando mais lúdico e amplo o processo de aprendizagem do desenho e o desenvolvimento de jogos educativos. Percebe-se, a partir dos dados analisados, que em sua proposta de educação para as crianças, por meio dos jogos e do desenho, a educadora opõe-se a uma abordagem de ensino tradicional, com ênfase na postura disciplinar dos conteúdos. Há em sua proposta um enfoque interdisciplinar para trabalhar conceitos da arte que a educadora considerava como princípios universais.

Artus-Perrelet propõe em seu livro que a vivência do processo de aprendizagem dos elementos do desenho e jogos pelas crianças, e dos conceitos sobre formas geométricas, requerem o intenso envolvimento do corpo e da mente, como num processo de articulação produtiva dessas dimensões interligadas. O aspecto lúdico de suas propostas de ensino nos indica que o que Artus-Perrelet propõe poderia ser comparado ao que entendemos como aprendizado interativo. Na maioria das atividades que relata em seu livro, o movimento corporal é motor que alimenta a ação das crianças. Algumas delas, jogos que se assemelham a brincadeiras infantis ou ainda a exercícios preparatórios para improvisação teatral. Nessas atividades são evidenciados os conhecimentos a serem trabalhados com as crianças, expondo assim objetivos e possibilidades de se explorar, desenvolver e acompanhar o aprendizado.

Um exemplo em que se poderia perceber a análise anunciada anteriormente está descrito por Artus-Perrelet (1930, p. 160) ao se propor o aprendizado das “linhas sinuosas”. A professora apresenta um roteiro de ações e movimentos que as crianças deveriam desenvolver para que entendessem o conceito de linha sinuosa, e, assim, simularem o percurso das águas de um rio desde as montanhas até o mar. Mais adiante, como descrito no livro (p. 162), a partir da sugestão de uma história a ser contada pelo professor, propõe o que se parece mais com uma avaliação lúdica do que as crianças poderiam ter aprendido sobre os tipos de linhas estudados. Explica que o professor, ao contar a história, deveria interromper a narrativa toda vez que algum elemento da cena pudesse ser associado pelas crianças a algum tipo de linha estudado.

Ao afirmar que seu livro não teria a pretensão de ser um “método”, Artus-Perrelet nos indica que não há ali um propósito de se dar fórmulas prontas aos professores, mas sim de se propor exercícios sensoriais que fossem capazes de propiciar a ampliação das habilidades cognitivas das crianças. Propostas essas que visavam ampliar a capacidade das crianças de usufruírem das suas próprias potencialidades, de modo mais autônomo. Conforme declara em seu livro, a metodologia de Artus-Perrelet teria a intenção de que “com estes exercícios as crianças” fossem capazes de adquirir “rapidez de visão e decisão” (ARTUS-PERRELET, 1930, p.176).

Talvez as pistas sobre o diálogo da proposta de Artus-Perrelet com as tendências modernistas de arte, pistas que estamos perseguindo, possam ser confirmadas pelas palavras de Cecília Meireles<sup>7</sup>:

---

7. Levando-se em consideração as diversas transformações e reformas ortográficas pelas quais o português brasileiro passou ao longo dos anos, optou-se por apresentar a grafia das fontes de acordo com o sistema estilístico vigente, estabelecido em 2010, pelo último acordo ortográfico.

Na arte moderna domina a linha simples, sem aqueles rebuscados preciosismos de antigamente. A linha venceu, sem grande esforço. Condições de toda espécie, circunstâncias de toda sorte, facilitam-lhe a vitória. E ela invadiu tudo, furiosamente. Na arquitetura, na pintura, e até mesmo, por metáfora, na poesia, ela não encontra mais resistências apreciáveis. Mme. Artus-Perrelet, ilustre educadora suíça, tem sido uma constante propagadora das novas teorias de arte (MEIRELES, 1930, p. 7, *Diário de Notícias*, Pagina de Educação).

Conforme já mencionado, Louise Artus-Perrelet vivenciou sua formação artística no contexto de transição do pensamento modernista de arte vivido na Europa em fins do século XIX e início do XX. Em sua formação e atuação pedagógica participou da implantação das transformações educacionais que visavam introduzir novas metodologias de ensino capazes de trazer a criança para o centro da aprendizagem.

### **Considerações finais**

No contexto brasileiro da primeira metade do século XX, debates educacionais sobre a infância e suas relações com a aprendizagem passaram a ter centralidade em temas discutidos por intelectuais. Neste cenário, muitos desses debates foram divulgados em periódicos de circulação nacional, como no jornal carioca *Diário de Notícias*.

A concepção de ensino de desenho e jogos publicada no livro *O desenho a serviço da educação* privilegiava a educação em arte por

meio dos sentidos, as propostas educacionais de Artus-Perrelet parecem terem sido elaboradas para possibilitar às crianças ampliar a ação da percepção e da intuição na relação com o objeto, seja nas expressões gráficas e/ou corporais, traduzidas na captação sintética da forma, expressas no desenho ou nos jogos simbólicos. A abordagem modernista de arte tem na síntese da forma uma das tendências perseguidas pelos artistas vanguardistas do fim do século XIX e início do século XX, quando as rápidas transformações trazidas pela industrialização e por avanços tecnológicos como a fotografia, deslocam a representação fiel do mundo por outros interesses e anseios. Na proposta de Artus-Perrelet, tal abordagem estaria ligada ao ensino do desenho e de jogos educacionais. Nessa perspectiva, o movimento seria fundamental para se conhecer o objeto estudado, abordagem fundamentada nos princípios da Escola Ativa de Genebra, caracterizada pela perspectiva educacional funcionalista de Édouard Claparède, centrada nas necessidades, no interesse e ação do educando.

Os resultados da pesquisa demonstram que o livro de Artus-Perrelet sistematiza uma metodologia de ensino de arte para crianças, em que o movimento assumiria função primordial para a apreensão dos objetos estudados. Para Artus-Perrelet, o desenho com o lápis seria a última expressão, o resultado da compreensão dos significados dos elementos da forma por meio da educação pelos sentidos.



## Referências

- ALMEIDA, M. O. **O ENSINO DE ARTE EM MINAS GERAIS (1940–1960): diálogos e colaborações entre a arte e a educação nova, 2013.** 226 f. (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- ALMEIDA, M. O. **As vozes de Helena Antipoff e Augusto Rodrigues no ensino de arte.** Belo Horizonte: Belo Horizonte – SC Literato, 2017.
- ASSIS, R. M. ANTUNES, M. A. M.. **Psiquismo da criança: psicologia divulgada pela imprensa educacional no Brasil (1930–1940).** *Psychologia Latina*. 2014, v. 5, n. 1, p. 21–30.
- BARBOSA, A. M. **John Dewey e o ensino de arte no Brasil.** 5. Ed. – São Paulo: Cortez, 2002.
- BARBOSA, A. M. **Redesenhando o desenho: educadores, política e história.** São Paulo: Cortez, 2015.
- CAMPOS, R. H. F. (2012). **Helena Antipoff (1892–1974): uma biografia intelectual.** Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes/Biblioteca Nacional. (Coleção Memória do Saber CNPq).
- CAMPOS, R. H. F. **HELENA ANTIPOFF (1892–1974) E A PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL EM PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO.** 2010. 269 f. Tese (Professor Titular do Departamento de Ciências Aplicadas à Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- CHARTIER, R. **A história cultural: Entre práticas e representações.** Lisboa, Portugal: Difel, 1990.
- FERREIRA, R. V. **A signatária Cecília Meireles: interfaces educacionais no discurso jornalístico (1930–1933).** In: VI Congresso Brasileiro de História da Educação, 2011, Vitória. VI Congresso Brasileiro de História da Educação, 2011. Disponível em: <[http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais\\_vi\\_cbhe/-individuais.htm](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/-individuais.htm)>. Acesso em 15 jul. de 2015.
- FERREIRA, R.V. J.; ROCHA, M. B. M. **A obra educacional de Cecília Meireles: um compromisso com a infância.** *Acta Scientiarum. Education Maringá*, v. 32, n. 1, p. 93–103, 2010. Disponível em: <<file:///C:/Documents%20and%20Settings/Marilene/Meus%20documentos/Downloads/Dialnet-AObraEducacionalDeCeciliaMeireles-4864718.pdf>>. Acesso em 20 jul. de 2015.

LOURENÇO-FILHO, M. B. **Introdução ao estudo da Escola Nova: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea**. 14<sup>a</sup>. Ed., Rio de Janeiro: EdUERJ: Conselho Federal de Psicologia, 2002.

MAIA, N. D. S. **A trajetória de Jean-Pierre Chaboz na constituição do meio artístico da cidade de Fortaleza no âmbito das artes visuais**. 2012. 148f. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Fortaleza.

MODERNISMO. Disponível em: <<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculox/modulo1/modernismo/index.htm>>. Acesso em mai. de 2016.

MORAES, A. C. A. **RUMO À AMAZÔNIA, TERRA DA FARTURA: Jean-Pierre Chaboz e os cartazes concebidos para o serviço especial de mobilização de trabalhadores para a Amazônia, 2012**. 353 f. (Dissertação de Mestrado em Artes Visuais), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

NEIVA, I. K. A. **Educação Estética na Revista do Ensino (1925–1940)**. In: VII Congresso Brasileiro de História da Educação - CBHE7, 2013, Cuiabá. Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação - CBHE7, 2013.

NOBRE, J. G. **A educação estética de Schiller: da fragmentação à integralidade**. In: Revista Lampejo, nº 9 – 1º semestre de 2016. pp. 02 - 11.

PEREIRA, D. P. **QUE ARTE ENTRA NAS ESCOLAS ATRAVÉS DOS CURRÍCULOS? Entre o utilitarismo e a possibilidade de emancipação humana pela arte, nos Programas de 1928 e 1941, na Escola Nova em Minas Gerais, 2006, f. 158**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

PEREIRA, P. P. **Ensino de Arte nos Primórdios de Belo Horizonte: a contribuição de Jeanne Milde no início do século XX**. In: Ensino da Arte: Memória e História. Ana Mae Barbosa (Org.). São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 117–134

PRATES, M. H. O. **A Introdução Oficial do Movimento de Escola Nova no Ensino Público de Minas Gerais: A Escola de Aperfeiçoamento**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 1989.

SCHILLER, Friedrich von, **A Educação Estética do Homem**. São Paulo: Iluminuras, 1995.

SILVA, Sidereus Nuncius da. **Estética in: Enciclopédia de filosofia**. Disponível em: <<http://br.geocities.com/sidereusnunciusasilva/estetica.htm>> acessado em 02/05/2008.

SILVA, Jorge Anthonio e. **Friedrich Von Schiller e a Educação Estética do Homem**. In: Revista de Comunicação da FAAP - FACOM, nº 9, 2º semestre de 2001, online. Disponível em: <[http://www.faap.br/revista\\_faap/revista\\_facom/artigos\\_friedrichl.htm](http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/artigos_friedrichl.htm)>. Acesso em: 27 abr. 2018. s/p.

SUZUKI, Márcio. **O belo como imperativo**. In: SCHILLER, Friedrich von, A Educação Estética do Homem. São Paulo: Iluminuras, 1995. p. 11-19.

TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. **Natureza e Educação dos Sentidos: forjando novas sensibilidades no âmbito da educação para todos (Brasil e Espanha, finais do Séc. XIX e início do Séc. XX)**. In: Licere, Belo Horizonte, v.15, n.3, p. 1-35, set. 2012. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/view/443/336>>. Acesso em out. de 2016.

## FONTES

ARTUS-PERRELET, Louise. **Le Desisin au service de l'Education**, Paris: Delachaux & Nestlé S. A., 1917. (Colletion D'Actualités Pedagogiques)

ARTUS-PERRELET, Louise. **O desenho a serviço da educação**. Trad. Genesco Murta. Rio de Janeiro: Villas-Boas & Cia, 1930. (Actualidades Pedagogicas)

DIARIO DE NOTICIAS. Rio de Janeiro – **Publicações do jornal sobre Artus-Perrelet de 1929 a 1933**. Disponível na sessão Hemeroteca da Biblioteca Nacional (disponível online).